

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

LIBRERIA

ANNO V Assignaturas BARCELLOS Publicações
Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs. Redacção e Administração, Rua de S. Francisco, n.º 52, Barcellos, para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte. Domingo 2 de Dezembro de 1894 Annuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal 40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 %. N.º 248
Annunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um exemplar.

SABBADO, 1

NO PARLAMENTO

Tem sido de um effeito pouco edificante para as instituições, que nos regem, o espectáculo, que se tem exhibido no parlamento portuguez.

O sr. João Arroyo, que inaugurou na camara dos deputados o systema da aruação e da desconsideração pelo regimento, arvorou-se, na sessão actual, em capitão mór de ordenanças, para obrigar a tudo e a todos a que lhe obedecam como *leader* da maioria, porque, na phrase de tão zeloso observador das praxes parlamentares, **a maioria é quem manda!**

Quem mandá, não é a Carta Constitucional da monarchia; quem manda não é o regimento da Camara; quem manda não é o direito, nem é a lei; quem manda é a maioria!

Nós já tínhamos ouvido isso aqui na nossa camara municipal; o que, se não admirou a muita gente, pelo menos não surpreendeu a ninguém; mas que tal phrase fosse dita em pleno parlamento, por quem tanto ha que penitenciar-se por abusos passados é realmente motivo para a maior estranheza.

Queriam amordaçar a minoria, puzeram o parlamento em estado de sitio, como que se o santuario das leis fosse uma assembleia eleitoral a tresandar a carneiro com batatas.

Alteraram o regimento da Camara, para que, no seio da representação nacional, não fossem annunciadas ao paiz as grandes falcatruas, que o paiz tem direito de conhecer. Negar a palavra aos deputados, que querem fallar ao paiz, é proclamar o absolutismo como systema vigente, e a lei das rollas como parte integrante do systema constitucional. Isso é que nunca! Custou muito sangue d'irmãos a conquista do systema constitucional; e nós fazemos votos para que a sua conservação não venha exigir agora tão pesado sacrificio.

O sr. conselheiro Beirão, na sessão de quarta-feira, levantou, em nome do paiz liberal, essa luva, que lhe havia sido arremessada por uma maioria facciosa, que desconhece o meio, e o tempo em que vive; e por tal

modo o fizera o distincto parlamentar e respeitavel *leader* da minoria progressista, que conquistou uma inmarcessivel corôa de uma grandissima gloria. Ao eminente parlamentar enviamos os nossos sinceros parabens, que traduzem a nossa admiração e o nosso reconhecimento por ter sido s. ex.º o interprete intemerato do sentir unisono de todo o partido progressista.

Abaixo transcrevemos do nosso collega O Correio da Noite, alguns trechos do extracto da sessão, a que nos referimos, e que regista na historia do partido progressista mais uma gloria de subido apreço.

O sr. Beirão—Se a camara julga indispensavel alterar o regimento, a minoria não se opporá a que o faça, mas depois d'uma discussão publica. O que se fez a opposição não o reconhece e o que se publica no *Diario* nem ao menos o discute. Declaro que neste momento, com a mão na Carta Constitucional, eu não reconheço (Vozes—Nenhum, nenhum d'este lado!) a legalidade d'este documento.

O sr. presidente—Convido v. ex.ª a retirar as palavras...

O orador—É a primeira vez que sou chamado á ordem e isto quando estou citando a Carta Constitucional.

O sr. presidente—Não chamei v. ex.ª á ordem. Convidei-o a retirar as ultimas palavras que proferiu.

Vozes—Quaes são ellas?

O sr. Beirão—Eu sou filho d'um homem, que sendo deputado, foi preso e encerrado na fragata *D. Fernando* por não querer traicionar os seus principios liberaes. E hei-de honrar as tradições da minha familia. (As palavras do orador são coroadas por uma prolongadissima salva de palmas).

O sr. Eduardo d'Alreu—V. ex.ª, sr. presidente, está nos incitando a uma guerra civil.

O orador—Eu não retiro as minhas palavras, repito-as sem lhe tirar uma virgula. Eu e a opposição não reconhecemos o documento que appareceu hoje no *Diario Official*.

O sr. presidente—Cumprindo o novo regulamento da camara, retiro-lhe a palavra. Tem a palavra o sr. José d'Azevedo.

O sr. Beirão—Eu não posso deixar de continuar a falar. V. ex.ª não tem poderes para me retirar a palavra. (O tumulto cresce. As galerias estão enacionadissimas e debaixo da impressão d'um enthusiasmo deii-

rante pelo grande e intemerato liberal).

O sr. José d'Azevedo pretende falar. O sr. Beirão não se cala, bradando: Eu repetirei como Mirabeau nos Estados Geraes: «Senhores se fizerdes esta lei, eu juro que não lhe obedecerei nunca.» (Nova salva de palmas).

O sr. presidente, com uma pallidez cadaaverica e as palavras tremulas—Cumprinlo a lei d'esta casa, suspendo o sr. deputado.

Vozes geraes de toda a opposição—Havemos de ir todos. Não de expulsar-nos a todos.

Os deputados da opposição cercam o brilhante e nobilissimo orador liberal, honra e gloria do partido progressista, que tão alto elevou a bandeira de toda a familia liberal. Abraçam-n'o, cobrem-n'o de palavras de gratidão, muitos tem lagrimas de verdadeira commoção, e nas galerias não ha um só espectador que não se sinta entusiasmado pela dignidade, a lizez e nobreza com que hoje foi hourada a tribuna parlamentar.

Todos os deputados da opposição affirmaram que não consentirão de forma alguma em que o sr. Beirão soffra isolado a menor violencia ou vexame. Todos a soffrerão com elle, sujeitando-se para isso ás ultimas extremidades.

Reaberta a sessão ha ainda grande agitação.

O sr. presidente quer falar. Os deputados da opposição pedem que se demore até a camara estar em silencio e as galerias povoadas.

O sr. presidente diz então—Desejo dar uma explicação á camara. Retirei a palavra ao sr. deputado Beirão, em virtude do disposto no artigo do regimento.

Vozes—Qual artigo? Outras vozes—Qual regimento?

O sr. presidente—O artigo 6.º do antigo regimento.

É extraordinarissima a impressão que estas palavras fazem em toda a camara e em todas as galerias. Esperava-se tudo, esperavam-se violencias, actos de força, excovalhos á liberdade da tribuna, tudo, tudo, menos o que succedeu!

No caminho a que o governo impellira o presidente da mesa e a maioria, esperava-se tudo menos que elle tão rapidamente rasgasse o celebre e negregado *ukase*. Nunca se viu uma capitulação tão humilhante, um acto tão vergonhoso.

O sr. Beirão—Lido o art. 6.º, invocado pelo presidente, mostra que não disse na lei que auctorisasse aquelle a retirar-lhe

a palavra e portanto quer continuar a fazer uso d'ella.

O sr. presidente—Já retirei a palavra a v. ex.ª. Tem a palavra o sr. José d'Azevedo.

O tumulto cresce. A opposição não consente que se tire a palavra ao sr. Beirão. O sr. José d'Azevedo quer falar e investe com a opposição. Esta toda unida mantém-se dignamente no seu posto. O presidente então encerra a sessão e marca a proxima para a sexta-feira.

Quando o sr. presidente interrompeu pela segunda vez a sessão, os deputados opposicionistas, já evacuadas as galerias, rodearam o sr. Beirão, ergueram por muito tempo *divas á liberdade e á Carta Constitucional*. Foi um enthusiasmo enorme! Esta manifestação prolongou-se por muito tempo, sem que da parte da maioria ou do governo alguém se atrevesse a contrariar-a. Pelo contrario, muitos deputados regeneradores, sem acompanharem esses brados, diziam aos progressistas que tinham motivos para as suas exaltações, censurando a intransigencia do governo e a grosseira inhabilidade do presidente.

Por muito tempo se conservaram os deputados opposicionistas na camara, pois dizia-se que o presidente e alguns da maioria tentavam a n'la um *gret-à-pous*. Vendo-se porem que não resolveram todos os deputados da opposição, progressistas, republicanos, amigos do sr. Manoel Vaz Preto e do sr. Dias Ferreira, acampnar a casa o sr. Beirão. Saíram todos da camara com o illustre *leader* progressista e seguiram com sua ex.ª até casa, fazendo-lhe á porta uma carinhosa e sympathica manifestação. Atraz dos deputados ia um grosso bando de policias armados.

Felicitações

De todos os cantos do paiz tem chovido enthusasticas e vibrantes felicitações ao nobre chefe do partido progressista sr. conselheiro José Luciano de Castro e ao illustre *leader* da minoria progressista na camara dos deputados sr. conselheiro Veiga Beirão, que tão inspiradamente levantou á sua verdadeira altura o prestigio da tribuna parlamentar, na memoravel sessão de 28 do mez findo, vencendo e fazendo recuar, com a sua palavra eloquente e aquecida ao fogo sagrado da convicção e da justiça, a presidencia da camara e toda a maioria, que ousavam affrontar o prestígio e indignamente as prerogativas dos representantes da nação e attentar contra as mais respeitaveis regalias liberaes conquistadas á custa de muito sangue e muitas vidas por uma geração de crentes e denodados patriotas.

D'esta villa, onde, como em toda a parte, se repercutiu o extraordinario triumpho do illustre *leader* progressista e de todo o partido, tambem lhes foram dirigidos telegrammas de felicitação e congratulação.

Alguns progressistas d'esta localidade que se encontraram possuidos da mesma emoção pela noticia da gloriosa attitude do intemerato liberal e da opposição parlamentar, enviaram os seguintes despachos telegraphicos:

Exm.º sr. Conselheiro J. Luciano Lisboa

Interpretando sentimentos todos os correligionarios do concelho congratulamo-nos vivamente com V. Ex.ª, nosso illustre chefe, pela nobre attitude, tomada opposição parlamentar.

Exm.º sr. Conselheiro Francisco Beirão Lisboa

Em nome progressistas do concelho enthusasticamente abraçamos e felicitamos V. Ex.ª.

Ambos estes telegrammas eram firmados pelo srs. dr. Vieira Ramos, dr. Antonio Ferraz, dr. Miguel Pereira da Silva, dr. Ludgero Ramires, abbade Paes, Domingos de Figueiredo, abbade de Aldreu, Ferreira Ramos e Joaquim Oiveira.

A redacção d'este jornal tambem mandou o seguinte telegramma:

Deputado Beirão -Lisboa.

Felicitamos V. Ex.ª, como vamos felicitar o puz pela forma energica, brilhante como defendeu causa liberal no parlamento.

CAMARA DOS PARES

Um governo sem vergonha

Nunca um gabinete portuguez e talvez estrangeiro cuviu, face a face, na camara dos senadores, dos grandes do reino, palavras mais duras, apostrophes mais energicas e violentas recriminações mais fortes e acerbas do que ultimamente escutou o sr. Hutzte Ribeiro, dos dois illustres pares do reino, srs. Vaz Preto e Marquez de Valada, que ha dias, na discussão da resposta ao discurso da corôa, ergueram a sua voz indignada e revoltada contra o nefasto governo, que parece portar em arrastar-nos a uma situação desesperada.

Para os nossos leitores podem avaliar da pouca vergonha com que estes ditadores pigmeus se agarram ás cadeiras do poder, vamos transcrever uns rapidos extractos dos dois notaveis discursos.

Levantou-se então o sr. Vaz Preto, que proferiu um dos discursos mais violentos que se tem proferido n'esta camara. Principiou por exigir que o governo explicasse a crise ministerial que determinou a saída dos srs. Fusini e Bernardino Machado, quando o primeiro tinha apresentado um plano financeiro accete pelo governo, e o segundo se occupava da importantissima questão das obras do porto de Lisboa. E quer tam-

hem saber porque tendo entrado para o governo os srs. Arouca e Carlos Valbom, pouco depois aquelle, regenerador *enragé*, saia, e este, que pouco antes era progressista *enragé*, ficava.

Declara que vota a resposta ao discurso da corôa, por ella representar uma censura ao governo. O governo no discurso da corôa, afirma que resolveu satisfactoriamente questões internacionaes, que resolvera tambem graves questões de fazenda, que fizera eleições com ordem e tranquillidade, etc., etc. Se assim fosse, merecia louvores. O projecto de resposta devia dar-lhe largos elogios. Mas em lugar d'isso o projecto só apresenta duvidas, especulativa e reservada. E' a maior censura que, em termos parlamentares se podia fazer ao governo.

Nota que a situação do governo é tão triste que nem um unico par se tem erguido para o defender!

O sr. Antonio de Serpa, que acaba de falar, elle mesmo o disse, falou unicamente porque, como relator do projecto, tinha esse dever. O governo é tão criminoso que está só, inteiramente abandonado!

Quando a Liga Liberal apresentou o seu manifesto, declarou que o assignava por não poder fazer outro mais forte, mais violento, como os actos do governo mereciam. Agora diz o mesmo. Vota o projecto, porque não pode votar outro mais energico e mais violento!

Se fosse elle que respondesse ao rei, dir-lhe-ia que os desvarios do governo, lançando-se em aventuras audaciosas, acarretam consequências gravissimas para a monarchia. Que os erros, os desvairamentos do poder executivo, mais tarde ou mais cedo, dão sempre funestas consequências. Que as prorrogativas deixam de o ser, perdem a irresponsabilidade, desde que deixam de planar nas alturas constitucionaes.

Que lhe lembraria os exemplos dos reis e dos governos da Belgica e da Dinamarca, que pela sua sensatez e correccção fazem com que os seus paizes, pequeninos, sejam paizes honrados, felizes, respeitados por toda a Europa. Diria ao rei que se convencesse de que a unica força que pode aguentar o throno é a opinião publica. E que os verdadeiros monarchicos são aquellos que, nos momentos difficeis, lhe dizem lealmente as verdades, embora essas verdades sejam duras, mas sempre respeitadas, e não aquelles que só o sabem lisongear para poderem satisfazer as suas mesquinhas ambições, as suas ruins paixões. Estes turbularios do egoismo são entes perniciosos, são os peiores de todos os microbios!

Em seguida lê o telegramma truncado em que o sr. Hintze Ribeiro ordenava ao commandante Castilho que entregasse os revoltosos ao governo brasileiro. Ao ler esta ordem infame, sentiu horror, arripiaram-se-lhe os cabellos!

E' tão monstruosa, que por mais que procure no vocabulario portuguez termo para a classificar, não o encontra. Para se dar essa ordem foi preciso que desaparecessem todos os deveres de honra, de cavalheirismo e de dignidade, foi preciso calcar aos pés todos os principios de moral e de humanidade.

De todos os actos servis, praticados pelo governo, essa ordem infamante é o peor. Rojar-se aos pés do estrangeiro, implorando misericordia, não é nada, comparado com essa infamia!

Felizmente, que Castilho não a cumpriu, do contrario a bandeira portugueza ficaria enlameada para sempre!

O presidente do conselho estorcia-se na sua cadeira, arrebellando o bigode, durante mais de 10 minutos em que o vehemente orador o fustigou com as phrases mais

duras, com as apostrophas mais cruas.

O sr. marquez de Vallada principia por dizer que gosta tão pouco do «não ha remedio» como do «não ha remedio». O primeiro é o grito da imprudencia e o segundo é o clamor do desalento. Nem devemos ser imprevidentes nem desalentados. O paiz está mal, porque tem estado nas mãos da politica dos exploradores, da politica dos syndicateiros. O que devemos procurar para nos restaurar, é administrar bem e com honra, é reconquistar o credito por meio de actos dignos e procedimentos honestos.

Mas isso é que se não tem feito. Os ladrões campeiam ali de cabeça erguida. Ninguém trata de os castigar. Quem não castiga os ladrões é cúmplice d'elles. E já dizia Antonio Rodrigues Sampaio: ladrões não se encobrem de graça!

E, desenrolando o sudario das roubalheiras, diz que o Pinhal da Azambuja era antigamente em Azambuja, mas que agora se mudou para as arcas do thesouro. Os mandamentos da Lei de Deus já não são dez, são apenas nove; o furtar não é peccado.

Pelo caminho errado e escandaloso que se tem seguido, a auctoridade perdeu o seu prestigio, e os cofres publicos o seu recheio. Se isto continuar será preciso fazer uma syndicancia aos bens dos ministros, quando elles entram, e outra quando elles saem, para que não appareçam ali alguns enriquecidos repentinamente e sem se saber como, e o publico principie a explicar essa mudança de fortuna, pelas luvas, por grandes luvas!

E é preciso pôr cobro aos desmandos e aos syndicatos, porque o povo não quer pagar mais roubos nem extorsões!

Logo que o sr. marquez de Vallada terminou o seu discurso, o sr. Jeronymo Pimentel pediu a palavra. Todos pensavam que, finalmente, um digno par iria defender o governo respondendo ao violento discurso do sr. marquez. Mas... nada! O sr. Pimentel pediu a palavra unicamente para requerer que se prorrogasse a sessão até ser votado o assumpto!

SCIENCIAS & LETTRAS

A SAUDADE

Quando a Morte nos leva uma Esperança, os amigos que acodem na amargura não nos deixam lançar a terra escura porque nos falta a luz, a confiança...

porisso é que a Saudade, essa creança, chama o coqueiro, tremula e murmura: apõe-lhe violetas... sobre a sepultura... sobre a terra gelada onde descança...

Porem, mais tarde, entre um clarão funereo, louca, em silencio, e semp e caminhando em procura do vasto cemiterio,

vae ella então—virgem de tranças pretas, toda de branco, pallida, e chorando, orvalhar, junto á noite, essas violetas.

Antonio Fogaça.

O BELLO RENÉ

Imovel, ao lado do seu quarto quasi concluido, em uma zona de luz que punha palhetas de oiro nos seus cabellos negros e chammas nos seus olhos humidos, ella lia e relia uma carta.

Os labios sangravam sobre a pressão dos dentes, os olhos semicerrados palpitavam com as mesmas pulsações do seio, as mãos nervosas apertavam o papel, como que elle fugisse levando o sonho ideal que a fazia viver.

Ella estava pallida, d'essa palidez paradisíaca que envolve, como um veu, a face da mulher, quando recebe a missiva de amor d'aquelle que domina o seu coração.

Afinal, dobrou a carta e guardou-a, diligencian-la recobrar a perdida serenidade.

—Tambem eu te amo, disse em voz alta, como se desejasse ser ouvida, tambem eu sou tua.

Depois desatou a chorar douadamente, deliciosamente suffocada!

Era demasiada felicidade, não podia acreditar.

Ella amava afinal, a celebre, a afera-la, a artista diante da qual todos se curvavam respeitosa, a mulher roba-la de humenagens e de desejos leucos, amava pela primeira vez.

Ah! que lhe importava agora o mundo, e os seus, e a opinião da sociedade, e as nobres damas que a acolhiam por causa do seu talento?...

Partiriam juntos, iriam para os paizes encantados esconder uma ventura cujo ante-goso era pungente como um soffimento.

Ella a lorava-o: elle absorvera a sua alma, a sua intelligencia, a sua formosura.

Nunca se tinham fallado, mas viam se todos os dias nos theatros, na opera, na egreja.

Ella fazia-lhe saber onde a encontraria, mas a despeito de todas as instancias, de todas as supplicas, até esse dia recusara receber-o.

Desejava que as primeiras palavras que brotassem dos labios de ambos fossem: «amo-te!»

Elle ia chegar; afinal consentira; a sua sorte ia decidir-se em alguns instantes.

E n'essa deliciosa expectativa quebraram se lhe os nervos, o sangue queimava-a como lava; relia as estranhas cartas, litterariamente apaixonadas, d'esse então tão bello, tão delicado, tão divino, d'esse Deus que as suas mãos tremulas collocavam em um altar feito de adorações timidas e de sensualidades mais requintadas e finas do que as de Santa Thereza.

No amplo espelho que reflectia a sua imagem, no meio dos innumerables bibelots d'esse luxuoso atelier, ella via-se tão bella e tão seductora que sorria de orgulho: a sua comprida blusa de setim preto desenhava-lhe as formas de estatua e nos seus cabellos escuros vibrava, como uma nota estridente, o escarlate de duas rosas.

Bateram, era elle?

O pequenito *groom* preto foi abrir e annunciou:—O sr. René Dutilleul.

Ella esperou que a criança saísse para atirar-se-lhe aos braços, mas elle fallou primeiro.

—Diabo! gritou, rindo estrondosamente, isto é que é o verdadeiro *pschutt!* Um *groom* preto vestido de escarlate! Bem me tinham asseverado que tu eras uma mulher extravagante, uma artista. E' divertido, e não te quero mal por isso, ao contrario agrada-me ainda mais: é mesmo uma variante de todo esse mulherio que está apaixonado por mim!

E como ella o fitasse, alirindo muito os olhos dilatados pelo terror:

—Final, cá estou dentro da praça; s'já dito sem offensa, não me custou pouco! Ora, minha pequena, quando uma pessoa tem faticaz pela outra, não está com tantas ceremonias.

Depois, afastando-se alguns passos, acrescentou:

—Palavra, que ainda me parecez mais bonita com o teu traço de carnavalesco de pintora do que com o facto do theatro; vou amar-te perdidamente. Que grande reinação!

Ella emudecera. Nem um musculo do seu rosto alterava; agarrara-se ás costas d'um fauteuil para não cair; debatia se n'esse pezadello monstruoso, tentando acordar; por fim disse, com uma voz rouca, estranha, de uma inflação ainda não ouvida:

—Quem é que escrevia as suas cartas?

—Ah! sim, as cartas lamurias, as do céu azul e dos amores etherios. Não entendo nada de litteraturas, e creio que não é necessario para possuir a chave do teu coração. As cartas toram escriptas por um rabiscador de jornaes de provincia, um pobre diabo, que não tem um real, e que me fez isso baratinho.

Ella contemplava-o. O bello René estava na sua presença encantador e soberbo; os cabellos abundantes e annellados faziam uma auréola de oiro em torno d'essa juvenil cabeça; os olhos perturbadores, de um azul de lago cambiante e diaphano, tinham pestanas pretas que sombreavam as faces delicadas, onde a desenvoltura apagara ainda o afrouxelado de pecego; o collarinho aberto mostrava o pescoco branco e torneado, um pescoco digno de servir de modelo a um esculptor.

—O senhor é casado? pergontou ella lentamente.

—Se é isso que te incommoda! Minha mulher tem sessenta annos, é uma inoffensiva avosinha, rica como um nababot... Quando casei com ella, foi logo com a condição de me deixar fazer tudo que me viesse á cabeça...

—Muito bem, interrompeu ella gravemente, pode sair, sr. Dutilleul; nada mais tenho a dizer-lhe.

René, desconcertado, agarrou lhe nas mãos.

Ella tocou um timbre, e, dirigindo-se a um creado, disse-lhe:

—Reconduza este senhor. O reposteiro cahiu sobre o bello René, que saiu, gritando, raivoso:

—Conservo as tuas cartas, minha rainha de pichisbeque; eu te arrancarei a corôa de papellão! Insolente!

N'essa noite ella recebeu muita gente; as valsas de Strauss succediam-se no piano e os pares turbilhonavam na sala.

—Rameau, disse ella de repente, quer fazer-me o favor de ir ao meu atelier? Tenho um negocio a propôr-lhe.

O esculptor que todos os parisienses conhecem, a primeira

espada de França, o estranho bom homem de quem um pintor celebre reproduzia ultimamente a cabeça energica e os hombros herculeos, amara a até então, sem obter a menor esperanza.

Quando entraram no atelier, ella voltou-se para o esculptor e, atirando-lhe os braços ao pescoco, exclamou, por entre uma explosão de lagrimas:

—Ah! meu amigo, como é boa a realidade e como é estúpido o sonho!

Na sala ouvia-se tocar o *Domino Azul*.

JOANNA-TILDA.

DIA A DIA

Fazem annos:

Dia 5—o rev. sr. Antonio Fernando Paes de Villas Boas

Dia 7—o sr. Alvaro Ferreira Loureiro.

Dia 8—o sr. Luiz da Conceição Velloso de Miranda Pereira e Mattos.

Passou o ultimo domingo na sua casa do Galo, em Barcelinhos, o nosso respeitavel amigo sr. dr. Agostinho de Faria, distinctissimo medico portuense.

De regresso de Lisboa, já se acham entre nós os nossos estimados amigos e patricios srs. Abel e Miguel Fiuza.

Vimos aqui o sr. commandador Joaquim Redondo Paes de Villas Boas, nosso distincto patricio.

De Manãos, para onde tinha partido ha alguns annos, regressou, segunda feira, a esta villa, acompanhado de sua exm.ª esposa e filhinhos, o nosso presado amigo e patricio sr. Arthur Lopes Varela d'Albuquerque.

Dando-lhe as nossas cordeaes boas vindas, sentimos que a causa do seu regresso á patria fosse a doença que commetteu sua exm.ª esposa, por cujas mehoras fazemos sinceros votos.

Chegou hontem a esta villa, de visita a sua exm.ª familia, o nosso presadissimo amigo e ex-redditor d'este semanario o sr. José Candido Marques d'Azevedo, dignissimo escrivão de direito na comarca da Feira.

PELA SEMANA

Antonio Fogaça—Passou na terça-feira ultima o 5.º anniversario do fallecimento do malgrado cantor dos «Versos da Mocidade», o sempre chorado Antonio Fogaça.

Arrebatado, bem cedo, para as regiões do incognoscivel, o saudoso poeta deixou-nos os versos onde a sua alma palpitava; e....

«De tanta esperanza n'um porvir de gloria Resta a saudade d-bruçada á cruz!»

O encerramento das camaras—A folha official publicou ante-hitem o decreto encerrando as côrtes, que serão opportunamente convocadas.

O decreto é precedido de uma exposição tendente a justificar o procedimento do governo, interpretando este a seu modo o artigo 2.º do segundo acto adicional da Carta Constitucional.

Principio de incendio—A's 8 horas da noite de segunda-feira passada, houve principio de incendio na chaminé da casa do sr. Bento José Moreira, na rua Direita.

O pessoal da casa pôde rapidamente extingui-lo, sendo por isso dispensados os socorros dos

bombeiros voluntarios que já partiam para o local do incendio.

Arrematação—Os direitos sobre peixe que der entrada na praça de D. Pedro V foram adjudicados ao sr. Balthazar da Costa, de Barcelinhos, pela quinta de 605090 reis.

Reunião das opposições liberaes—Foi imponente a assembleia das opposições liberaes, realisa-se quinta-feira nas salas da redacção do nosso illustre collge do «Carro da Noite».

Encontrou o mais entusiastico acolhimento o convite do illustre chefe do partido progressista, publicado n'aquelle jornal, logo que houve conhecimento do extraordinario decreto, em que o governo ousou mais uma vez calcar a constituição, saltando por cima de todas as leis e conveniências, para supprimir o direito sagrado de tomar conta de quantos desacertos, de quantos abusos e de quantos delictos constitucionaes o governo pratica.

A reunião da minoria, foi presidida pelo sr. Coelho de Campos, servindo de secretarios os srs. Veiga Barão e Bessano Garcia. Entre os assistentes viam-se os srs. Eduardo de Azevedo e Gomes da Silva. O sr. Fuschini mandou uma adhesão declarando que apoiava todas e quizesquer deliberações.

O sr. José Luciano de Castro expoz o fim da reunião, dizendo que havia necessidade de publicar um manifesto para explicar ao paiz os gravissimos acontecimentos provocados pelo governo, assumindo a opposição liberal uma attitude energica e intransigente contra o governo no intuito de manter o prestigio da lei e o respeito da auctoridade.

O sr. conde de Alto Meirim declarou adherir a tudo, pondo á disposição da assembleia o seu voto.

O sr. Eduardo de Azevedo declarou em nome dos centros democraticos electoraes e da imprensa do seu partido, associar-se incondicionalmente ás resoluções da assembleia, cooperando para que no paiz se restabeleça a ordem e a liberdade, e retirando-se quando os partidos monarchicos entendessem que não era preciso esse apoio.

O sr. Barros Gomes propoz que o sr. José Luciano redigisse o manifesto, associando-se quizesquer membros dos corpos legislativos, sem distincção de cor politica, que desejassem adherir. Foi approvada a proposta por aclamação.

Ainda fallaram os srs. Oliveira Monteiro e Fialho Gomes, sendo dado um voto de louvor ao sr. Barão.

O sr. José Luciano agradeceu a confiança que a assembleia lhe dispensava, accentuando que empreitaria todos os esforços, a bem da causa que todos alli defendiam.

Immaculada Conceição de Maria—No dia 8 do corrente realisou-se-ha, no templo da S.^a Casa da Misericórdia, uma brilhante festividade em honra da Immaculada Conceição de Maria.

Constará de missa solemne, acompanhada a vozes e orgão, sermão pelo rev. conego da Collegiada de Guimarães, Antonio José G. Cardoso, que pela primeira vez se fará ouvir n'esta villa, ladainha, Te-Deum e encerração.

Musica de rua a dos Bombeiros Voluntarios.

Fallecimentos—Na quinta-feira passada falleceu em Carapeços o sr. Francisco Ferreira da Costa, abastado lavrador d'aquella freguezia.

N'esta villa, o sr. José d'Azevedo, escrevente do cartorio do 6.º officio.

Victimou-o uma tyfica pulmonar, no vigor da sua mocidade. O filiado era sobrinho do sr. Marti-

nho de Faria, a quem endereçamos nosso pesame.

—Em Gilmonde, o sr. Constantino Gomes da Motta, pae do nosso estimado amigo sr. João Gomes da Motta Figueiredo, proprietario da mesma freguezia.

Ao sr. Figueiredo a expressão sincera do nosso sentimento.

—N'esta villa, o sr. Francisco Rodrigues, proprietario. Aos doridos o nosso pesame.

Passamento—Do Pará veiu-nos a triste noticia do fallecimento do pequenito Aurelio, filho muito estimado do nosso amigo e querido conterraneo, sr. Antonio Fiuza.

Por tão doloroso acontecimento trazemos-lhe e a sua exm.^a esposa a sentida expressão da nossa condolencia.

Protestos da Liga Liberal e dos socialistas contra os attentados do governo—Reuniu quinta-feira em Lisboa a Liga Liberal. Fallaram os srs. Fuschini, Mendonça e Miguelães Basto, resolvendo protestar contra os actos do governo.

—Reuniu tambem o Centro Socialista, apresentando o sr. Theodoro Ribeiro a seguinte moção:

«Considerando que a liberdade da tribuna parlamentar aciba de ser cruelmente atacada pelo presidente da camara dos deputados, no regimento da mesma:

Considerando que a alludida liberdade é uma d'aquellas que mais se devem respeitar; e attendendo á correcta attitude da minoria, proponho que se consignem na acta d'is votos:

1.º Da censura pelo ataque á liberdade da tribuna parlamentar; 2.º De louvor pela attitude energica da opposição na sessão de hoje.»

Discursaram sobre o assumpto muitos socios verberando tolos energicamente os attentados reactionarios do governo contra todas as liberdades politicas.

Muito bem. Povo! alerta!

Data gloriosa—Apesar de amortecido o regosijo com que outrora se comemorava a data gloriosa do 1.º de dezembro de 1640, ainda, n'algumas terras do reino, houve quem relembrasse o brio heroico d'esse punhado de portuguezes que nos libertaram do jugo com que o estrangeiro nos escravizara, houve quem festejasse esse feito grandioso que tanto fulgura nos fastos brilhantes da historia patria.

Aqui, foram os bombeiros voluntarios quem promoveu os festejos, fazendo resoar pelas ruas da villa o hymno da independencia.

Pelas 4 horas da tarde a banda dos voluntarios exhibiu á porta do quartel varias peças do seu leu escolhido do repertorio.

A noite houve recita no nosso theatrinho, sendo levados á scena por uma troupe de curiosos o festejado drama «Os homens do povo» e a comedia «Portugal independente», sendo muito victoriosos todos os interpretes.

Thesouraria da camara—Consta que o sr. thesoureiro da camara, pedira a exoneração d'este logar.

Espectaculo—Realisou se no domingo passado o annunciado spectaculo no theatro dos voluntarios, pelo dr. Leo Stanley, o assombroso illusionista que exhibiu trabalhos muito difficéis com extremada distincção.

Pena foi que não houvesse concorrência numerosa a applaudir o festejado artista.

«A Ideia Nova»—Entrou no terceiro anno de publicação de sua 3.ª serie este nosso presado collega local, habilmente redigido, cuja direcção politica está a cargo do distincto jornalista e homera de letras sr. dr. Martins Lima, alma d'eleição, caracter impolluto e honrado chefe do partido republicano n'esta localidade.

METHODO GRADUAL DE CALCULO por Branco Rodrigues—Collecção de 8 cadernos de arithmetica que se vendem separadamente por 30 reis cada um.—Caderno de Geometria Synthetica impresso em papel stigmographado por Branco Rodrigues.—Preço 300 reis. Segundo o programma official dos exames de instrucção primaria.

A venda nas livrarias. Envia-se pelo correio a quem os requisitar aos editores A. Ferreira Machado e C.^a rua da Saudade, 2, Lisboa.

O procurador Severino tem o seu escriptorio em casa do exm.^o snr. Gomes da Costa, á Pedra do Couto n.º 14, aonde pode ser procurado diariamente desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

ANNUNCIOS

ELUMBRARIO DOS PAROCHOS

Compilação das leis e decisões dos tribunaes, umas por extracto, outras na integra, abrangendo o periodo decorrido de 1 de janeiro de 1860 a 30 de junho de 1894, com grande copia de annotações e outros esclarecimentos, especialmente sobre congruas, registo parochial, direitos e deveres do parochal, commentario da lei do registo respectivo, etc. etc., e bem assim a legislação respectiva á aposentação d'aquelles funcionarios eccl-siasticos. E, pois, um compendio de direito parochal que todos os parochos devem possuir, pois lhes fornece notas elucidativas sobre os assumptos da sua competencia, e que se não encontram reunidas em outra qualquer publicação do mesmo genero.

O editor confia na illustração e probidade da esclarecida classe a que esta obra é dedicada—Pedidos a A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183. 1.º, Lisboa. Preço 400 reis.

NOVA BIBLIOTECA ECONOMICA

Para ricos e pobres

O maior successo da editoração em Portugal!!!

100 REIS cada volume de 300 paginas, em media.

Dois volumes por mez Nas provincias, 120 reis por volume franco de porte.

Aos revendedores, 20 por cento de commissão.

Romances publicados

1—Luiz Noir—A Estalagem Maldita, trad. de C. Dantas.

2—Eugenio Chavete—Os companheiros do crime, trad. de A. Sarmento.

3—Visconde de Bornier—

O romance d'um auctor dramatico, trad. de N. B. Pato.

A seguir:

Escrptorio: travessa da Queimada, 35, Lisboa.

Unico agente em Barcellos—Julio Barreto.

NOVIDADE LITTERARIA CHOROGRAPHIA DE PORTUGAL, ILLUSTRADA

50 gravuras e 20 mappas a cores por

Ferreira-Deusdado Professor proprietario lyceal de Geographia, Historia e Philo-phia, antigo membro do Conselho Superior d'Instrucção Publica, director da Revista de Educação e Ensino &.

Custo 15000 reis

Guillard, Ailland e C.^a, Casa Editora e de Commissão—Lisboa, 242, rua Aurea, 1.º.

A venda em todas as livrarias.

A BORDADEIRA

Publicação quinzenal

Jornal de bordados, modas, musicas e litteratura. Cada numero, de 20 paginas, 50 reis no acto da entrega. Para a provincia:—Anno, 1:300; semestre, 700; trimestre, 360 reis.

Este jornal, o mais completo e barato que até hoje se tem publicado em Portugal, comprehende: grande variedade de desenhos para bordados, completamente originaes, occupando um espaço correspondente a oito paginas; magnificos figurinos segundo os melhores jornaes de modas francezes e allemães; moldes desenhados de facilissima applicação; moldes cortados em tamanho natural no pri-

ncipio de cada mez, a que só terão direito os assignantes de anno; musicas originaes para piano, bini-dolim, violino, etc. em todos os numeros; enygmas pittorescos e charadas, folhetins, contos, poesias, receitas de grande utilidade, annuncios, etc., etc.

A Empresa offerece brindes aos seus assignantes de anno, semestre e trimestre.

Pedidos—Direcção do jornal «A Bordadeira»—Porto.

Unico agente n'esta villa, Julio Joaquim Barreto.

O MUNDO LEGAL E JUDICIARIO

Orgão defensor de todas as classes judicias e administrativas, collaborado por jurisc-consultos distinctos.

Director e editor—Fernão Amaraal Botto Machado

Trimestre (pago depois de vendido), 500 reis

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Botto Machado, rua do Ouro, 124, 1.º, Lisboa.

A MODA ILLUSTRADA

Jornal das Familias

Contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, moldes de tamanho natural, modelos de trabalhos de agulha, tapessarias, bordados, crochê, romances, litteratura, passatempo, etc.

Condições d'assignatura

1.ª edição (com figurinos coloridos)

Anno 4:000 | Trimestre 1:100 Semestre 2:100 | Avulso 200

ALMANACH DAS FAMILIAS

PARA 1895

Util e necessario a todas as boas donas de casa

Contendo uma grande variedade de artigos relativos á hygiene das creanças e uma variada collecção de receitas e segredos familiares de grande utilidade no uso domestico

2.º anno de publicação—Preço 100 reis

Summario:—CONSELHOS ás MÃES - O regimen das amas.—Quando se deve destamar uma creança.—As lavagens das creanças.—Como se devem deitar as creanças.—A revaccinação.

GASTRONOMIA—A uma grande variedade de maneira de preparar artigos de cozinha, doces e licores.

MEDICINA FAMILIAR—Rapida resenha de algumas receitas mais indispensaveis e que se podem applicar sem o auxilio de medico e de grande utilidade geral.

SEGREDOS DO TOCCADOR—Diversas receitas hygienicas, concernentes á maneira de conservar a saude e belleza da mulher.

RECEITAS—Uma grande collecção em todos os generos, util e indispensavel a todo o momento a uma bona de casa.

A venda nas principaes livrarias e na Empresa Editora «O Correio», rua do Marechal Saldanha, 59 e 61, para onde devem ser feitos todos os pedidos, a João Romano Torres.

A LEITURA

MAGAZINE LITTERARIO

Apparecendo a 10 e 25 de cada mez

Romances—Historias—Viagens, C.^a

Antiga Casa Bertrand—José Bastos.—rua Garret—Lisboa. H. Lombaerts e C.^o—Rua dos Ourives, 7, Rio de Janeiro.

OS ORPHÃOS DE CALCUT

ROMANCE HISTORICO MARITIMO, ORIGINAL DE H. Lopes de Mendonça

Um lindo volume adornado de magnificas gravuras a côres, desenhos do distincto pintor João Vaz. É um dos romances que melhor acceitação tem tido em Portugal. Explendido enredo, commoveadoras scenas dramaticas, sobresahindo a descripção da heróica lade da mulher portugueza que atravessa todos os perigos para ir á India em busca dos filhos queridos que lá tinham ficado sem pãe, que os mouros mataram em rija pelega.

Um elegante volume 800 reis. Pelo correio 850 reis Por assignatura 60 reis cada semana. As gravuras são offerecidas como brinde a todos os assignantes.

Dirigir pedidos a qualquer livraria do Porto ou da provincia, ou á

Empreza Editora Mello d'Azevedo e C.^a
147, Rua dos Retrozeiros, 147, Lisboa

Estã já a imprimir-se o bello romance original de D. João da Camara intitulado

EL REI

Seguindo-se outros romances des eminentes escriptores: Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Sousa Monteiro, Visconde de Castilho, Zephyrine Brandão, etc.

Tudo romances genuinamente portuguezes, adornados com formosissimas gravuras a côres, que são offerecidas como

Brinde a todos os assignantes

Em Barcellos é correspondente da Empreza o sr. Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira.

LIVRARIA ESCOLAR

DE

CRUZ & C.^a EDITORES

BRAGA

A MESTRA DOS CHANTEPOT

Por Mary Floran, versão Alfredo Campos
1 vol. brochado..... 400 reis

VIDA DO ARCEBISPO D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

Por Fr. Luiz de Sousa
3 grossos vol..... 1\$800

CURA DAS MOLESTIAS PELA AGUA

Obra illustrada com gravuras para applicações dydroterapicas, pelo celebre rev. padre Sebastião Kneipp, traducção do saudoso extincto Alves d'Araujo.

2 vol. brochados..... 1\$200

O ANJO DA MOCIDADE

OU

VIDA DE S. LUIZ GONZAGA

Por J. J. Almeida Braga—2.^a edição
1 vol. brochado.... 200

S. GONÇALO D'AMARANTE

Poema lyrico em seis cantos, por Francisco Lopes, poeta seiscentista, com uma polygraphia Camoneana pelo professor decano do lyceu de Braga, dr. Pereira Caldas.

1 vol. brochado... 200—Em papel assetinado... 250

POETAS DO MINHO

MONOGRAPHIAS

Por ALBERTO PIMENTEL

1—João Penha

A seguir «Monographias» d'outros poetas das differentes localidades d'esta encantadora provincia.

O Portugal Jacobino

Por JACINTHO FERNANDES

Crítica resposta ao «Portugal Jesuita» de M. Borges Grainha

1 vol. brochado..... 500

N'esta livraria encontra-se variado sortido de livros adoptados as escolas primarias, lycens e seminarios. Obras litterarias, religiosas e liturgicas. Deposito dos livros do Archivo Juridico e de muitas dições escolares—impressos segundo os modelos officiaes para escripturação nas escolas publicas.

LIVRARIA ESCOLAR

DE CRUZ & C.^a—EDITORES

68, Largo do Barão de S. Martinho, 71—56, Rua Nova de Sousa, 58
BRAGA

DICCIONARIO TOPOGRAPHICO DE PORTUGAL

(Parte continental e insular)

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e concelhos, etc., etc.

Mencionando todas as cidades, vilas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos, e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, postaes, telegraphicas, telephonicas, do serviço de emissão de vales do correio, de encomendas postaes, repartições com que as differentes estações permuam malas, etc., etc.

por F. A. de Mattos

Empreza do Ministerio da Fazenda

1 volume com mais de 800 paginas, 1\$600 reis. A venda nas principaes livrarias, e na administração da empreza editora «O Recreio», rua do Marechal S. Adolpho, 59 e 61, Lisboa.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DE Livros antigos e modernos

Publicação mensal, gratuita

Recomendamos a leitura d'esta utilissima publicação aos amadores de bons livros, ao clero e a todas as pessoas que desejarem estar em dia com o movimento litterario do nosso paiz.

Enviar-se gratuitamente e franco de porte a todas as pessoas que a pedem aos editores Almeida & C.^a, 34, rua do Almada, 238—Porto.

AGENDA FORMULARIO

MEDICO-PHARMACEUTICO

por Augusto Cesar da Costa Goes

Pharmaceutico pela Universidade de Coimbra.

2.^o anno 1893

Preço 500 reis.—Guillard, Aillaud e C.^a, Lisboa.

VIAGENS PORTUGUEZAS

PORTUGUEZES E INGLEZES EM

AFRICA

ROMANCE SCIENTIFICO

por

VICTORIA PEREIRA

TENENTE DE INFANTERIA

Um vol..... 600 reis

EMPREZA EDITORA DO RECREIO.

A venda na Administração do Recreio, rua Formosa n.º 26, s principaes livrarias de Lisboa

AOS CORPOS ADMINISTRATIVOS

BLUCIDARIO

Para a facil organisação dos

Orçamentos e contas

Das

Camaras, juntas de parochia, confrarias e irmandades

Esta util e importante publicação bastante volumosa pelas desvolvidas indicações e esclarecimentos que presta, contem uma collecção magnifica de modelos para orçamentos ordinarios e supplementares.

Cada exemplar custa 500 reis; pelo correio, 520 reis.

Os pedidos devem ser feitos a Proença, Filhos e C.^a—Guarda.

CALCULO

COMMERCIAL

VERSÃO PORTUGUEZA DA ULTIMA EDIÇÃO DO NOTAVEL LIVRO ALLEMÃO

QUINTESENZ DES KAUFMANNISCHEN RECHNENS

DE

DR. EDUARD ANTHOR

Antigo director da Escola Commercial e da Escola Superior do Commercio de Gera

POR

LUIZ M. DOS SANTOS

Com o Curso Superior do Commercio pelo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e com Curso Superior de Lettras

Systema de applicação dos methodos praticos de calculo rapido, abreviado e mental aos ramos mais importantes do commercio, operações sobre mercadorias, cambios, moedas, comissões, juros, contas-corrente, vencimento commum, regras de percentagem, fundos, acções, arbitragens, facturas, etc., etc.

Explicado por numerosos exemplos e acompanhado por mais de 1:000 exercicios

Este notavel livro allemão cuja traducção recommendamos a todos aquelles que se dedicam a estudos commerciaes, é inteiramente baseado nos processos praticos de calculo, que o seu auctor, o sabio professor dr. Eduard Anthor, expõe com o mais alto criterio ao alcance de todas as intelligencias. Por um lado procura explicar, com uma precisão pouco vulgar, os methodos de calculo seguidos e adoptados pelos praticos, na maior parte dos casos, sem a necessaria comprehensão da sua razão de ser: por outro lado, consegue formar um methodo completo e inteiramente scientifico, em que a theoriestã constantemente justificando a pratica, de calculo rapido, abreviado e mental até hoje pouco estudado entre nós e mesmo nos mais paizes, a não ser na Alemanha, onde os estudos commerciaes tem atingido o mais alto grau de perfeição e de desenvolvimento.

Não quizemos alterar em nada o texto do original e por isso o valor d'esta obra, hoje considerada a melhor entre as melhores do seu genero, em allemão, onde conta cinco edições, será inteiramente mantido na traducção que hoje apresentamos, por isso que ella é tão fiel quanto em nossas forças coube fazel-a.

O estudo d'este livro julgamos-o necessario, e sob todos os pontos de vista, de grande utilidade a quem se dedique a estudos commerciaes e exerça a pratica do commercio.

A exposição, a forma de deduzir, a exemplificação, tudo enfim é novo n'este livro, para nós, mas essa novidade é salutar e faz-nos agradavelmente perceber existir alguma cousa de mais comprehensivel e de mais util do que o processo habitualmente seguido, na maior parte, dos nossos livros de estudo.

Condições de assignatura

O Calculo Commercial, constará de um unico volume de cerca de 400 paginas e distribuir-se-ha em 16 fasciculos semanais, que serão levados a casa dos subscritores assignantes em Lisboa e Porto e nas localidades onde houver distribuição organizada.

Cada fasciculo custa 100 reis pazos no acto da entrega

O preço da obra depois de completa será elevado a 2:000 reis

As pessoas que desejarem assignar nas localidades onde não houver correspondentes, deverão enviar adiantadamente a importância de 5 fasciculos, ou multiplo de 5, e o pedido lhes será immediatamente satisfeito, franco de porte.

Quando a traducção exceda 400 paginas, os assignantes só pagarão 16 fasciculos e receberão com o ultimo e gratuitamente o final da obra.

A correspondencia deve ser dirigida á

ANTIGA CASA BERTRAND

JOSÉ BASTOS—Livreiro-editor

Rua Garrett, 73, 75—Lisboa.

PHARMACIA

DA

Santa e Real Casa da misericórdia

DE

BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—AVELINO AYRES DUARTE

Pharmaceutico de 1.^a classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas suspensorias, de madeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades, pharmuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

TYP. DO «COMMERCIO DE BARCELLOS»

Rua de S. Francisco, n.º 52

Editor responsavel:

JOAQUIM MACIEL DE RORIZ